

Uma criança como testemunha, protagonista e vítima do litígio familiar: uma abordagem psicanalítica

Lenita Pacheco Lemos Duarte

Psicanalista das Formações Clínicas do Campo Lacaniano -RJ,
Associação Fóruns do Campo Lacaniano -RJ e
Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano.
Pós-graduada em Psicanálise pela UNESA

Mestranda da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Resumo

Neste trabalho pretendo fundamentar de que modo o sintoma da criança se relaciona com a família. Em conexão com outro campo do saber, o Direito de Família, procuro sinalizar que nos casos de separação conjugal litigiosa ocorrem sérios problemas envolvendo os filhos, quanto às questões de guarda, visitação, pensão e outras responsabilidades, pois aí se encontram questões jurídicas de cunho objetivo, perpassadas por impasses e conflitos de ordem subjetiva, inconscientes, nem sempre de fácil entendimento e solução, exigindo atendimento especializado. Em muitos casos, encontramos a criança como objeto de vingança e moeda de troca nas disputas judiciais entre familiares, sendo muitas vezes desconsiderado e anulado seu desejo e sua subjetividade, o que não ocorre sem conseqüências e sofrimentos para ela.

Como postulou Freud em *Mais além do princípio do prazer*, em 1920, a compulsão à repetição nas brincadeiras infantis expressa a tentativa da criança em elaborar situações traumáticas e de angústia. A partir desse ensinamento e de observações de manifestações de angústia no tratamento analítico, várias questões se colocaram quanto às diversas situações de litígio conjugal e suas conseqüências na subjetividade e nos vínculos afetivos dos filhos.

Um caso da minha clínica que nomeio de "O mito do barco pesquisador e da sepultura" vem ilustrar o contexto teórico estudado, mostrando como a experiência analítica tornou possível que uma criança se deslocasse de uma posição subjetiva destrutiva, de impotência e mortificação de seu desejo como resposta ao traumático litígio familiar, à construção de mitos e histórias, em que ela diz da sua dor, do real, do impossível de dizer, buscando, desse modo, esvaziar sua angústia e semidizer sua verdade.

Cabe ressaltar que a possibilidade do menino ser ouvido em sua singularidade e com a aposta no processo de mediação familiar e interdisciplinar visando a transformação dos conflitos intersubjetivos dos sujeitos implicados no litígio, abriu-se um canal de comunicação facilitando a expressão dos conflitos psíquicos da criança .

Neste trabalho pretendo fundamentar de que modo o sintoma da criança se relaciona com a família. Em conexão com outro campo do saber, o Direito de Família, procuro sinalizar que nos casos de separação conjugal litigiosa ocorrem sérios problemas envolvendo os filhos, quanto às questões de guarda, visitação, pensão e outras responsabilidades, pois aí se encontram questões jurídicas de cunho objetivo, perpassadas por impasses e conflitos de ordem subjetiva, inconscientes, nem sempre de fácil entendimento e solução, exigindo atendimento especializado. Em muitos casos, encontramos a criança como objeto de vingança e moeda de troca nas disputas judiciais entre familiares, sendo muitas vezes desconsiderado e anulado seu desejo e sua subjetividade, o que não ocorre sem conseqüências e sofrimentos para ela.

Como postulou Freud em *Mais além do princípio do prazer* , a compulsão à repetição nas brincadeiras infantis expressa a tentativa da criança em elaborar situações traumáticas e de angústia. A partir desse ensinamento e de observações de manifestações de angústia na experiência analítica, várias questões se colocaram: O que se espera de um analista nos casos em que este é demandado a atender crianças envolvidas em litígios conjugais, onde existe um

jogo perverso, principalmente quando estão em cena outros familiares em conflito, exercendo as funções paterna e materna para além dos pais biológicos? Como uma criança vai reagir às situações que presencia de agressões físicas e verbais entre os genitores, e quando o pai é designado pela avó paterna como "viciado, marginal, irresponsável e maluco" e a "mãe como exploradora"? Quais os efeitos desses ditos sobre a criança?

Diante da complexidade dessas situações, recorro aos ensinamentos de Lacan, que indica que o desejo do analista é um desejo separador, é um desejo de diferença, um desejo que sustenta a análise e, como ele diz, "é um desejo prevenido, que não pode desejar o impossível". Assim o analista participa muitas vezes de situações que o remetem às tragédias familiares, onde é encontrada uma falha no simbólico, que é a mola do trágico. Onde há um impossível de simbolizar, ou seja, há algo que escapa ao simbólico, onde nem tudo do real pode ser simbolizado. Como ressalta Patrick Guyomard, psicanalista, é num tempo de impasse que se desenrola a tragédia, sustentada por uma pergunta sem resposta, quando ninguém consegue imaginar uma solução comum, que produza uma comunhão de idéias para os impasses que se apresentam no cotidiano familiar.

A partir dessas pontuações teóricas, apresento fragmentos de um caso da minha clínica, de um menino de sete anos, cujos pais se encontram em processo de separação conjugal litigiosa há três anos. A decisão da Justiça sobre a guarda da criança estabeleceu a permanência com a mãe e visitas quinzenais com o pai. O menino chega ao consultório para avaliação por intermédio da avó paterna, por apresentar bloqueios na capacidade de aprendizagem e dificuldade de relacionamento. Além disso, procura compulsivamente tirar, isolar e destruir os brinquedos de valor de outros colegas, atirando-os para fora do alcance, escondendo-os ou rasgando-os. Além disso, também realiza atos obscenos, masturbando-se na frente da turma do colégio, para mostrar e exhibir a todos que ele tem um pênis. Por outro lado, no cartão de identificação que fica preso em seu peito, escreve, ao invés do seu nome, o significante "piru", e no quadro negro escreve também "piru". Ao ser indagado sobre isso, ele diz que escreveu "pirô". Ele sempre nega suas ações, como se não tivesse qualquer implicação nos episódios. Segundo a professora, "ele tira e destrói das mais variadas formas, tudo o que é mais precioso para os outros, chegando a rir da situação. Ele quer se exhibir, mesmo que seja desafiando a lei e as regras estabelecidas no grupo social". Chamando a atenção para si dessa forma, nos aponta sua forma particular de gozar. Paralelamente, a escola demanda frente às condutas anti-sociais da criança, um contato urgente com a analista, mostrando-se impotente diante dos atos compulsivos e transgressores do menino. Por que esta criança não consegue aprender, mente e masturba-se compulsivamente, além de apanhar objetos de colegas e provocar feridas em seu próprio corpo?

Pergunto: trata-se de uma estrutura perversa? Ainda é cedo para afirmar, é preciso um tempo para observar.

Por força das circunstâncias, advindas do litígio conjugal, esta criança não tem apenas um referencial, na medida em que transita em vários contextos familiares, onde ocupa o lugar de um bem útil, trazendo inúmeros ganhos. Ele é uma "nota promissória", como diz o pai ao se referir ao filho, na medida em que ao morar com a mãe, com seu companheiro atual e com o irmão de um outro casamento materno, o menino "garante" o sustento desta família.

Quando o menino tenta se aproximar do pai, desejando passar mais tempo com ele, aparecem as proibições e críticas da mãe: "Eu não quero que ele fique com o pai além do fim de semana, porque atrapalha seus estudos". Paralelamente, diz a avó: "A mãe não liga para o filho. Ela é um interesseira. Se ele ficar com o pai, não come direito, pois ele não consegue dar limites para o filho! O melhor é que fique comigo". A empregada que o leva às consultas diz que a mãe não tem tempo para lhe dar atenção, trancando-se no quarto com o atual marido. Sentindo-se abandonado, o menino telefona chorando para o pai ou para a avó irem buscá-lo. Neste meio repleto de demandas ambíguas e equivocadas, de conflitos de interesse, localizamos esta avó paterna que não aceita o fracasso escolar do neto: "Mas ele não é burro, doutora!" diz ela. Atingida no seu narcisismo, fala de seu brilhante passado como professora. Inconformada, questiona: "Coloquei-o para copiar versos de Cecília Meirelles e ele conseguiu! Então por que ele repetiu a alfabetização? Por que ele fica só se masturbando, apanhando e destruindo os objetos dos colegas, se tem tudo em casa?" Por que ele enterrou a mochila de um colega da escola, deixando todos ansiosos e, só após muita insistência, foi desenterrá-la? Continuando, ela afirma: "O pai é um alcoólatra, um viciado, um marginal, um louco. Atualmente com 45 anos, não trabalha desde os 25, é "um inseqüente, que dribla a lei,

dando um péssimo exemplo para o filho. Ultrapassa sinais de trânsito e depois em tom de desafio, diz ao filho rindo: "Olha só a cara do guarda"! A mãe também não presta, é igual, doutora! Ela e meu filho acabaram com os bens da família e eu pago dívidas deles até hoje, inclusive a pensão do meu neto. Estou cansada de todos abusarem de mim. O meu filho também é explorado, e o meu neto é extorquido, ele é uma cifra, uma moeda de troca". Neste momento, reclama da escola onde desapareceu uma toalha do neto em que ela bordou as iniciais do seu nome: P.G. Além da avó marcar os pertences do neto com tais letras, o menino também assina seus desenhos com PG.

Essas situações dramáticas nos remetem a uma tragédia familiar. Com quem irá se identificar essa criança? Quem será digno do seu amor?

Por outro lado, tem a tia, irmã do pai, que é militar, a quem o menino admira. Quando ele vai ao seu trabalho aproxima-se do general e diz: "Eu sou também um federal!".

A mãe não se envolve com os atos da criança, marca sessão mas raramente comparece, nada quer saber. Segundo a avó paterna, ele já foi testemunha de atos violentos entre os pais, que chegaram a tentativas mútuas de homicídio com arma de fogo e atropelamento, virando até caso policial com abertura de vários processos judiciais. O neto, na época com três anos, presenciou tudo, como testemunha muda, passiva diante destas cenas traumáticas, ao não ter escolha face à sua condição de dependência. Além disso, foi vítima de assédio sexual, por volta dos dois anos, por parte de babás, conforme informação da avó, ficando deste modo, como objeto passivo nas mãos do Outro. Ela também relatou um episódio sexual entre ele e o irmão, sete anos mais velho, que tentou introduzir o pênis no seu ânus quando tinha quatro anos de idade, sendo preciso a intervenção médica, pois ele ficou machucado nesta zona.

Fragmentos de sessões de análise

No início do tratamento, esta criança que se apresentava na escola como "burra, ladra e destruidora", embora nada falasse, só pensava em vencer, ser o mico preto, o "herói" do jogo e no xadrez dar xeque-mate na analista, executando jogadas de mestre, incompatíveis com seu baixo rendimento escolar. No entanto, tentou várias vezes desafiar a analista driblando as regras do jogo. Ela queria vencer, sem se importar com os limites estabelecidos.

Em análise, riscava o papel com tamanha pressão que chegava a esburacar a folha, assim como mostrava que furava a sua própria pele, pressionando com lápis o corpo até se ferir, deixando marcas que evidenciavam a sua dor e angústia. Também se auto infligia um sofrimento mediante suas próprias mãos, provocando feridas no nariz, beliscando-se, roendo as unhas dos dedos das mãos e dos pés, mostrando em seguida que estava machucado e impotente, incapaz de controlar seus impulsos destrutivos. Ele sinalizava a castração quando dizia: "Não posso mais fazer nada. Veja, minha mão está machucada". Quando a analista pergunta sobre a razão desta ferida, ele tenta justificar: "Foi o sofá que empurrou o lápis na minha mão, furando-a". Ou então, diz que: "Foi o palito que fez isso". Ele se castiga, infligindo-se a dor, mas faz questão de negar quando questionado, dando as respostas mais ilógicas e incoerentes possíveis.

Na relação transferencial com a analista, o paciente começa a repetir o que faz na escola e em casa. Pega o hidrocor e rapidamente afunda suas pontas, tenta quebrar os lápis, e levar escondido brinquedos para casa. O outro é sempre o culpado pelo que ele faz, até mesmo um objeto. Também aproxima-se da janela para jogá-los fora, como fez na escola durante meses. Parece que ele joga pela janela para destruir, ferir, mostrando, simbolicamente como ele foi ferido, machucado, abandonado.

O trágico na cena familiar: O mito do "barco pesquisador e da sepultura"

Em análise, faz um livro de história, sobre um barco de um escritor chamado NOA (fig.2). Esse sujeito criança, tenta fazer um barquinho de dobradura, onde escreve PESQUISADOR. Impossibilitada de falar sobre a verdade da relação violenta do par parental, do seu gozo, ela diz e mostra, por meio da repetição de seus atos, dos desenhos e do seu romance familiar, o seu desejo de pesquisar-a-dor.

Conta que "Rindolfo, um índio, trabalha no barco de pesquisa - NOA e que ele foi ao mercado de peixe para ver a baleia morta, mas não a encontrou". Continuando: "Rindolfo queria encontrar a baleia morta, então chamou a polícia marítima, para prender o responsável pela caça às baleias" (fig. 3).

A seguir, conta a história de um menino, a quem dá o seu próprio nome, que morreu no carro que explodiu e então, o desenha morto dentro de um caixão, entre outros, num cemitério. Localiza um espaço entre gavetas e túmulos, colocando-se dentro do caixão no lugar do "morto". (fig.4). Assim ele se coloca como "morto" nesta história familiar, com direito a enterro, sepultura, caixão, padre e celebração de missa, onde toda a família está presente participando do ritual fúnebre, inclusive o avô falecido (fig.5). Como "morto", o analisante aponta para aquele que não fala, que não escolhe, portanto, aquele que não deseja. O que ele está querendo vasculhar, pesquisar e dar conta com seus significantes mortíferos?

Em análise contabiliza o tempo todo, querendo insistentemente escrever até mil. Sempre escolhe a tinta marrom, esparramando-a no papel e dizendo que é "cocô". Lambuza as mãos, depois as imprime no papel e corre para tentar sujar as paredes.

A seguir, deixa de lado o desenho, jogando no lixo o que fez. Ele parece se apresentar como o próprio cocô, o próprio objeto que se oferece à demanda vindo do Outro, simbolizando o resto, o dejetivo. É neste sentido que todas as suas ações e brincadeiras o remetem.

A questão da morte

Quem denuncia o gozo, aprisionado nestas três gerações? O menino bota o piru para fora e se masturba diante de todos, desafiando a lei e gerando mal-estar. A professora não consegue controlá-lo, dividindo-se diante desta cena repetitiva e compulsiva. Aqui, o temos assumindo o lugar do falo ou a sua posse, negando a castração? Eu tenho o falo ou eu sou o falo, como apresenta no cartão de identificação?

Quando indagado sobre o "piru" escrito no quadro, ele diz: "Não foi piru, foi pirô"! O que é pirô? Pergunta a analista. "Ficou maluco", diz ele. Quem é o maluco nesta história? Lembramos que a avó repete que seu filho é "maluco, louco". Desse modo, com que traço da figura masculina essa criança irá identificar-se, já que seu pai é depreciado e humilhado por sua avó? O pai depende da fonte materna e dos bens deixados pelo falecido pai para se sustentar. Ao contrário, do avô paterno, que morreu quando ele tinha um ano, o menino só escuta realizações construtivas. "Ele era uma ótima pessoa, muito responsável". Preso nestes ditos, ele começa a investigar como era esse avô. Paralelamente, desenvolve um comportamento estranho ao viajar com a avó para uma cidade do interior, onde passa a acompanhar cortejos fúnebres de desconhecidos, querendo ver a face do morto (da morte?). Várias vezes fugiu para acompanhar os rituais fúnebres, pedindo às pessoas que o levantassem, para observar melhor a face do morto, chegando, certa vez, a exclamar em voz alta: "Olhem! Os olhos dele estão abrindo"!

Frente a esta situação tragicômica, a criança retornou para casa, mas suas pesquisas não pararam por aí. Continuou fugindo para acompanhar enterros, chegando a pedir carona no carro que levava o corpo, freqüentando o cemitério, manuseando um crânio, onde queria colocar bilhetes. Contou para a avó que brincava deste modo e ela pensou que tudo seria sua imaginação, mas diante da sua insistência, ela foi ao cemitério, ficando horrorizada ao ver, in loco, que era verdade. A mandíbula estava aberta, cheia de papéis. "Quando vi aquilo, corremos para casa", disse ela, sorrindo, demonstrando muito prazer com aquela situação.

O que justificaria essa curiosidade mórbida desta criança, pela questão da morte? Observamos, simultaneamente, que a avó contabiliza, sistematicamente, quantos amigos e parentes já morreram ou que estão moribundos.

Considerações Teóricas

Parece que o menino quer falar da dor, do sofrimento do qual é vítima, utilizando-se de atos para mostrar que está atendendo ao desejo do Outro, pois situado na posição de objeto é levado de um canto para outro, onde, ora é testemunha, ora protagonista de uma história de

violência em que se observam várias agressões, inclusive com tentativas de assassinato praticadas por sujeitos adultos, seu pai e sua mãe, supostamente "civilizados". Paradoxalmente, esta criança precisa renunciar às suas pulsões agressivas e sexuais para conviver no grupo e na escola, mas paga um preço por isso. Freud, no Mal estar na civilização, ressalta que a maior fonte de sofrimento do homem é o relacionamento com outros seres humanos.

Essa criança não deixa de apontar o "furo", ou seja, o real, esburacando o papel, a terra e o corpo até sangrar. Qual o sentido desses atos, desses sintomas? Como lidar com esse material advindo do litígio entre os pais? Estaria essa criança tentando falar e dizer daquilo que o neurótico não quer saber, ou seja, do real da castração?

Os significantes "nota promissória, moeda de troca e cifra", indicam um gozo familiar. Graças ao menino o "capital" circula na família, e todos tiram proveito dele. Por trás do significante PG o paciente encontra-se como "morto", desaparecido como sujeito. Ele paga o aluguel e a alimentação da família materna. A avó é a "fiadora". Quando a criança manifesta desejo de ficar com o pai, a estrutura familiar se desestabiliza, pois quem pagaria as contas da mãe, que reage quando vê o filho se afastar de sua casa?

Durante o tratamento, a criança chama pelo pai, chora, pedindo que ele o "adote" e este volta-se para o filho, interessando-se por ele, acompanhando-o nas brincadeiras e ao consultório, inclusive ao colégio. A avó, doente, idosa, vê no neto a razão de viver, face tantas infelicidades. Paradoxalmente, exclama: "Sem mim não sei o que seria do meu neto", diz ela: "todos precisam do meu dinheiro!". Todos reagem frente à possibilidade de perder o falo, lugar que a criança vem ocupar junto aos familiares. Por um lado, seus sintomas cifram um nó de significações, por outro, trazem "cotas de gozo", gerando lucros e benefícios secundários nas relações parentais. O "capital" está em jogo, ocupando o lugar de objeto na família. De quem se trata?

Conforme as mãos de quem o manipula, de quem tem o controle da situação, principalmente o responsável pela guarda, a realidade muda para a criança. Ela está num jogo de enganos, como uma carta marcada que fica no lugar do morto, onde o seu desejo aparece mortificado. A criança, enfim, atendendo ao desejo do Outro, seja da mãe, do pai, da avó, permite que eles também gozem, deixando de ser alvo de amor para ser um bem útil à família do qual todos compartilham sob diversos aspectos. Aqui encontramos a aproximação da Psicanálise com o Direito, onde a noção de usufruto é primordial, utilizada no sentido de repartir, compartilhar - termo tirado do Direito, por Lacan. Este buscou a palavra gozo, no campo jurídico para lhe dar um novo alcance, passível de ser estabelecido apenas a partir do testemunho que recebia de seus analisandos: "se o direito dá ênfase ao aspecto objetivo do gozo, a psicanálise ressalta seu lado subjetivo", como indica Valas .

Esta criança precisa estar em algum lugar, como garantia de "cifra" de gozo. A avó precisa dele para continuar vivendo e gozando, e a mãe para se sustentar. Assim, ele é duplamente colocado como o FALO. Afinal, não é assim que ele se identifica, nomeando-se como "PIRU"? Simbolicamente, quando ele "rouba", tirando dos colegas seus objetos preciosos, não poderíamos pensar que se trata de querer ter o FALO que lhe falta, para atender às fantasias do desejo da avó e da mãe?

Nos seus escritos e na sua fala, a avó comete atos falhos, chamando o neto pelo nome do seu filho. Por vezes ela esquece a diferença e identifica o neto como o filho, confundindo-os. Vendo o seu filho no neto e sem saber sabendo, repete com o neto o que fez com o filho. Por exemplo, ela não discute, paga tudo o que o neto destrói dos colegas na escola, assim como fez como mãe, 'passando a mão" na cabeça da criança em nome do amor. Com dinheiro, a avó dá conta dos atos "ilícitos", tampando os "furos" deixados pelo neto, repondo-os com cifras. Ela também paga tentando apagar e tampar o que o neto quer escancarar, desvelar e mostrar, ou seja, a falta, a castração. A criança entra na relação como substituto do falo anterior, lugar do seu próprio pai junto à avó. Paradoxalmente, ela mantém uma relação ambígua com o neto, ela o ama mas o destrói, mantendo-o num lugar mórbido na estrutura familiar, aprisionando-o no seu desejo.

É assim que se localiza essa criança. Ela paga com a inscrição do seu nome - PG - a história familiar. As articulações significantes confirmam a posição da criança como objeto nas mãos de vários Outros. Os significantes "abusado, explorado e extorquido" estão presentes o tempo todo neste desígnio familiar, que aponta para uma dívida impagável. Essa criança, como objeto de disputa de vários interesses na cena familiar, ora vem ocupar um lugar de objeto agalmático, objeto valioso, ora um lugar de mais-de-gozar, de dejetivo, de produto de uma relação do pai com a mãe que não teve lugar.

O que essa criança quer dizer através dos seus atos compulsivos destrutivos e das suas feridas? De que forma parece construir suas fantasias? Podemos observar o circuito pulsional, os três tempos da fantasia: Uma criança fere - Uma criança é ferida - Uma criança se fere.

Os significantes "jogar, ferir, furo, ferida, ferimento, morto, morte, cifra, moeda de troca, nota promissória, doença, dor, louco, maluco", que se repetem nos ditos familiares, norteiam e determinam a história e a vida dessa criança.

Qual o sentido dos seus sintomas? Eles parecem indicar de certa forma, tentativas dele dar conta da relação conjugal judicial entre os seus pais e das relações parentais às quais precisa se submeter, inclusive as decorrentes das novas configurações familiares. O menino constrói durante o processo analítico seu romance familiar, ou seja, cria um mito para expressar aquilo que não pode ser dito, que é de estrutura. Inicialmente ele age sem refletir, sendo difícil para ele esvaziar o seu gozo por meio do simbólico, das palavras. Ele enterra e desenterra objetos que parecem simbolizar a figura do avô, sempre presente na fala da mãe, da avó e da empregada.

Por que o menino só faz sujeiras e maldades que a avó tem que limpar, ou seja, "pagar"? Ele está atendendo à fantasia do desejo dos Outros, a questão do "che vuoi". O que o Outro quer de mim? "O meu cocô, a minha sujeira, que eu lhe dê prejuízos". Permanecendo neste lugar, alienado ao desejo do Outro, ele sustenta a razão de viver da avó, ou seja, o pagamento das dívidas impagáveis. Ele vai simbolizar o falo, encarnando assim, a "nota promissória, a moeda de troca e a cifra", como dizem seus familiares. Quando começa a se deslocar dessa posição do desejo mortificado, ele ameaça. Quando começa a desejar, assusta, e todos correm para manter aquelas formas conhecidas de gozar, que fazem parte da estrutura subjetiva de cada um.

Levantamos a hipótese de neurose obsessiva nesse sujeito, onde aparece a questão: estou vivo ou morto? Recusando-se a ter o "saber", ou seja, não aprendendo na escola, mantém-se como o falo que vem completar o Outro. Apesar do seu destino mortífero, representado na condição do morto na sepultura com direito inclusive à missa, ele ainda insiste em querer pesquisar. Quem sabe, o "morto não vai abrir os olhos", como ele mesmo falou durante o enterro que presenciou e, poder então se deparar com seu próprio desejo, com a sua subjetividade, com a sua verdade?

Até que ponto o sofrimento, a angústia, enfim a neurose apresentada pela criança não é consequência do relacionamento conturbado entre os seus pais, que culminou com a traumática separação litigiosa? Onde as funções do pai simbólico e imaginário falharam, aliás este último sempre falha, entraram outras pessoas, para suprir tais funções. Nesse caso, foi preciso que a analista mantivesse contato com a avó, pai, mãe, professora, orientadora escolar e outros sujeitos envolvidos na vida da criança assumindo funções diversas. Na busca de uma mediação não apenas familiar, mas também interdisciplinar, visando a transformação dos conflitos, abriu-se um canal de comunicação que facilitou a expressão da subjetividade da criança.

A participação no processo analítico deu ao menino a possibilidade dele ser ouvido em sua singularidade, tornando possível que se deslocasse de uma posição subjetiva destrutiva, de impotência e mortificação de seu desejo como resposta ao traumático litígio familiar, à construção de mitos e histórias em que ele diz do real, do impossível de dizer, buscando, desse modo, esvaziar sua angústia e semidizer sua verdade.

Referências Bibliográficas:

Alberti, S. e Elia, L. (org):. Clínica e Pesquisa em Psicanálise. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos Editora, 2000.

Altoé, S. Infâncias: In: Clínica e pesquisa em em psicanálise. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos Editora, 2000.

Freud, S.: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago editora, 1976.

Groeninga, G. C. (coord.) Direito de família e psicanálise - Rumo a uma nova epistemologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Guyomar, P.: O gozo do trágico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. Conferências na UERJ. - transcrição. Rio de Janeiro, 15/16 e 17/04 de 1997.

Julien, P.: O estranho gozo do próximo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

Lacan, J.: O seminário, livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. O seminário livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. Duas notas sobre a criança - carta à Jenny Aubry. Em: Opção Lacaniana n.º 21.

Quinet, A.: A descoberta do inconsciente - do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Ribeiro, M.A.C.: Marraio - da infância à adolescência - FCCL. Rio de Janeiro. Rios Ambiciosos editora, 2000.

Rinaldi, D.: A ética da diferença. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. e Jorge, M.A.C. (org). Saber, verdade e gozo. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos editora, 2001.

Six, Jean-Francois. Tradução de Barbosa, A.A. , Nazareth, E.R. e Groeninga, G. Dinâmica da Mediação. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

Valas, P: As dimensões do gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

<http://www.ibdfam.com.br/private/congressos/Congresso01Trabalho07.aspx>, acesso em 21/11/06